



**IV Congresso Brasileiro e III Congresso Ibero-Americano  
Habitação Social: ciência e tecnologia  
"Inovação e Responsabilidade"  
Florianópolis, 12 a 15/11 de 2012**

**NOTÍCIAS:**

**- Comunicações:**

Os artigos começaram a chegar. Lembramos que os pesquisadores devem enviar o material exclusivamente para o e-mail [palermo.carol@gmail.com](mailto:palermo.carol@gmail.com), até 30/06. Destacamos que a avaliação será pelo modo cego e que todos os trabalhos serão avaliados por dois membros do Comitê Científico.

**- Conferências:**

O Prof. Dr. Francisco Ferreira Cardoso, da Escola Politécnica da USP, confirmou presença e vai nos falar sobre política de CTI para o ambiente construído e a formulação conjunta entre a academia e o setor produtivo.

Teremos portanto três grandes conferências. Confiram no Site.

**- Mostra de Produtos de Serviços para a Habitação:**

Os estandes em nossa mostra estão de esgotando. Não perca a chance de mostrar o que sua empresa produz para o setor da HIS.

**- Inscrições:**

A Ficha de Inscrição ao Evento e/ou Oficina deverão ser preenchidas e enviadas por e-mail, juntamente com o comprovante de depósito, para a Secretário Executivo do CTHab'2012, no e-mail abaixo.

**PROMOTORES:**



**APOIO:**



**PATROCÍNIO:**



**ORGANIZAÇÃO:**



**SITE:** [cthab.ufsc.br](http://cthab.ufsc.br)

**COMISSÃO ORGANIZADORA:**

Profa. Carolina Palermo: [palermo.carol@gmail.com](mailto:palermo.carol@gmail.com)

Prof. Roberto de Oliveira: [rdeoliveirabr@hotmail.com](mailto:rdeoliveirabr@hotmail.com)

**SECRETÁRIO EXECUTIVO:**

Eng. Ivan Rezende Coelho: [ivancoelhoeventos@gmail.com](mailto:ivancoelhoeventos@gmail.com)

**INFRAESTRUTURA E HABITAÇÃO SUSTENTÁVEL**

A sustentabilidade perde a força de seu conceito quando associada isoladamente a itens de desempenho da edificação como economia de água e energia. Realmente, estes itens são relevantes para se atingir uma melhoria do desempenho, mas isoladamente são discutíveis em vista da abrangência do conceito. Para este resgate conceitual temos que considerar prioritariamente o aspecto macro, portanto, remeter à cidade e não apenas a partes isoladas dela – a edificação. Daí se chega ao primeiro entendimento para se atingir uma melhoria do desempenho das edificações *como um todo e para todos*: a sustentabilidade parte necessariamente de um consenso social.

No aspecto isolado, as empresas só incluem itens de sustentabilidade porque existe demanda social para este "produto". No entanto, surgem muitos óbices para se generalizar a busca por estas melhorias nas edificações. O primeiro é o custo inicial das instalações: estimado em pelo menos dez por cento do custo global da obra; outro é o custo operacional dos aparatos: todos estamos acostumados a uma operação "mínima" de nossas edificações convencionais. Exemplo: convencionalmente,

operadores de edificações não precisam se preocupar com a pluviosidade, insolação, enfim, com as condições ambientais a que está submetida a edificação. Com a adição do item sustentabilidade tais operações vão se tornar mais complexas podendo ser automatizadas ou gerenciadas "manualmente". Esta gestão compreende controles, por exemplo, do nível de águas captadas, da quantidade de água aquecida, de quando pedir aporte da rede urbana de abastecimento, bem como de quando pedir o reforço de aquecimento de água após sequência de dias nublados.

No aspecto macro ou do assentamento como um todo o custo das infraestruturas especialmente as que veiculam água e energia dependem de índices urbanísticos geralmente fora da pauta atual da sustentabilidade, neste caso, do "modismo" da sustentabilidade. O modo como as cidades são arranjadas tem um impacto ambiental muito maior que se supõem e obviamente não será uma porção insignificante de edificações "ambientalmente corretas" que pode alterar este quadro.

Em primeiro lugar vem a heterogeneidade de uso, ou seja, o grau de diversidade dos ocupantes de uma mesma porção urbana. Isto se refere a quem usa a cidade, seus hábitos e padrão de consumo, por exemplo. Se tivermos uma segregação grande de habitantes com densidade baixa, teremos custo de construção e manutenção das infraestruturas de água e energia (bem como de outros componentes de infraestrutura) exponencialmente maiores do que se tivermos no mesmo espaço classes sociais e atividades compatíveis com habitação com maior densidade e heterogeneidade.

As baixas densidades com uso homogêneo (pessoas com mesmo perfil social, portanto mesmos tipos de atividade) provocam grandes demandas de infraestrutura porque apresentam, em geral, duas faixas de horários de máxima utilização para as quais devem ser projetadas. No restante do dia essas infraestruturas ficam ociosas. Este é o modelo suburban-sprawl (*suburbia* norteamericana ou uma ocupação esparsa), altamente dependentes de transporte individual e o transporte coletivo mesmo subsidiado não é utilizado.

A crise financeira de 2008 nos Estados Unidos teve origem no endividamento do setor imobiliário explorado e mascarado por especulação financeira e foi, naquele ano, dado o primeiro grande sinal indicando que, em breve, poderemos ter outras crises similares. Em verdade o endividamento norteamericano tem a ver com os altos custos de viver em tais condições urbanas e habitacionais. Este urbanismo provoca a formação de metástases – os loteamentos – que contrariam o princípio genético do conceito de cidade: a reprodução "anormal" de células de mesmo tipo faz com que todas as amenidades da cidade fiquem longe e pouco podem se encontrar as pessoas. Em geral, as densidades destes locais se situam entre 12 e 16 habitantes por hectare o que inviabiliza o transporte coletivo, que somente é viável, em determinadas condições ambientais (acidentes geográficos e topografia, por exemplo) a partir de 20 hab/ha (Metro-Toronto, 1990). Outro tópico ligado à sustentabilidade, mas geralmente ainda ignorado na literatura é a nocividade destas ambiências às crianças, adolescentes até 16 anos, idosos e portadores de necessidades especiais, que ficam dependentes de outras pessoas para o atendimento de suas necessidades.

Um urbanismo mais sadio seria aquele que propõe um modelo misto de uso do solo no qual as habitações convivem com outros usos, desde que as edificações sejam compatíveis entre si. Isto somente se consegue quando as premissas de uso do solo se baseiam em *comportamento* e não em *função*, como geralmente se observa na maioria dos planos diretores. Nesta distribuição aparentemente caótica do espaço urbano as pessoas tem suas necessidades diárias, como ir ao trabalho, fazer compras e ir à escola, como exemplos de amenidades urbanas, satisfeitas em curtas jornadas a pé, de transporte coletivo, ou mesmo, quando urgente, de carro. As densidades de cidades de crescimento espontâneo giram em torno de 130 hab/ha (Dunster, 2010), o que largamente favorece, além da infraestrutura, o transporte coletivo. Estes assentamentos são muito mais inclusivos e no ponto de vista do convívio social, mais adequados.

Em verdade, as melhores cidades para se viver apresentam-se de modo tipicamente caótico aos olhos do urbanismo dito moderno. Depreende-se que o urbanismo moderno, por razões bem mais complexas do que se imagina, afastou-se dos princípios humanísticos que sempre regeram imperceptivelmente o crescimento e os auto-ajustamentos das cidades tradicionais. Uma certeza se extrai dessas ideias: a sustentabilidade verdadeiramente honesta se baseia naquilo em que os pesquisadores da área de projeto (tanto gestores quanto executores) já sabiam: sem qualidade de projeto os maus resultados de desempenho da edificação aparecem logo adiante. Um bom projeto, seja de edificação isolada, seja de cidades inteiras deve procurar minimizar os custos globais (incluindo instalação, uso e manutenção) sem se ater aos custos iniciais, parcela mínima do impacto financeiro de toda a infraestrutura.